



## Comentários sobre a caminhada nº. 8

Janice Gonçalves<sup>1</sup>

Simone Prestes<sup>2</sup>

Willian Tadeu M. J. Leite<sup>3</sup>

Com a colaboração de Cláudia Mortari Malavota<sup>4</sup>

O roteiro proposto para a oitava caminhada de registro fotográfico destaca pontos da cidade que, localizados na sua área central, estiveram ou estão associados à presença de afrodescendentes, na condição de locais de trabalho, moradia, entretenimento ou de manifestação de religiosidade. Pontos, enfim, significativos na criação de redes de sociabilidade e solidariedade.

O percurso tem como ponto inicial a Igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos, seguindo na direção do antigo bairro do Mato Grosso, destacando a própria topografia da região e o processo de ocupação dos morros. Prossegue tendo como referência o antigo Rio da Bulha, indo desembocar na região antes ocupada pelo porto, hoje aterrada.

### **Sobre os pontos do percurso:**

#### **1. Igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos/cemitério**

A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos foi fundada em 1750 e é considerada a segunda mais antiga da Ilha de Santa Catarina. Embora a irmandade fosse de “homens pretos” (escravos e libertos), admitiu homens brancos. No mesmo local da atual igreja havia, no período colonial, uma pequena capela, que, juntamente com a matriz erguida por Francisco Dias Velho, foram as primeiras igrejas de Desterro. Com a invasão espanhola de 1777, a capela, que já se encontrava em péssimas condições, foi parcialmente destruída. Em 1787 foi concedida à Irmandade autorização para a construção de uma nova igreja; as obras tiveram início, mas a inauguração se deu apenas em 1830. Os recursos da Irmandade advinham de esmolas e donativos, o que, somado ao perfil social dos seus membros contribuiu para que a construção da igreja, em grande parte executada pelos próprios fiéis, tenha sido demorada.

Situada em terreno elevado, acessível pela escadaria à sua frente, foi importante marco referencial na paisagem urbana. Foi do alto da escadaria do Rosário que o artista Victor Meirelles pintou, no século XIX, um amplo panorama da cidade, tendo ao fundo a Baía Sul.

A singela igreja apresenta linhas arquitetônicas simples de características barrocas, como a maioria das igrejas da época de sua construção, e corresponde ao tipo de arquitetura religiosa popular. Na fachada principal há um frontão triangular acabado por cimalkhas e na parte superior, volutas rampantes, sobre as quais se sustenta uma cruz de ferro; embaixo do frontão, três janelas em arco, localizadas à altura do coro e com guarda-corpos entalhados. O gradil da igreja é remanescente da grade de ferro fundido que cercava parte da Praça XV de Novembro na segunda metade do século XIX, onde não era permitida a entrada de africanos e afrodescendentes. Fabricada no em Birmingham, na Inglaterra, a peça custou mais de 280 libras esterlinas. O interior da igreja é simples, embora possua alfaias e imagens de grande valor artístico, exemplares importantes da arte erudita, como a de Nossa Senhora do Rosário, em madeira, e a de Nossa Senhora do Parto.

A edificação foi tombada pelo Decreto Municipal nº. 1341 de 1975 e posteriormente protegida pelo Decreto Municipal nº. 270 de 1986 juntamente com seu entorno, por estar incluída no Conjunto VII – Nossa Senhora

<sup>1</sup> Docente do Departamento de História e coordenadora do Laboratório de Patrimônio Cultural do Centro de Ciências Humanas e da Educação – FAED (UDESC); coordenadora do programa de extensão “Matéria e memória: artes do patrimônio cultural”, do qual fazem parte os projetos de extensão “No fio da memória: caminhadas de registro fotográfico” e “A aventura do documento”.

<sup>2</sup> Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

<sup>3</sup> Graduando em História do Centro de Ciências Humanas e da Educação – FAED (UDESC); bolsista do programa de extensão “Matéria e memória: artes do patrimônio cultural”, projeto “A aventura do documento”.

<sup>4</sup> Docente do Departamento de História e pesquisadora do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB) do Centro de Ciências Humanas e da Educação – FAED (UDESC).

do Rosário. De acordo com o Serviço do Patrimônio Histórico, Artístico e Natural – SEPHAN, está classificada como P1 (proteção integral do bem) e pertence à própria Irmandade.

A poucos metros da igreja, encontra-se rua que recebe o nome de Artista Bitencourt, referência a Manoel da Silveira Bitencourt sapateiro que exportava seus produtos para a corte no Rio de Janeiro e que, com outros contemporâneos, ajudou a comprar a alforria de muitos escravos.

## **2. Quartel do Comando da Polícia Militar**

Criada em 1835, a Força Policial da província de Santa Catarina primeiramente ocupou edificações no entorno da atual Praça XV de Novembro. Em fins da década de 1880, foi transferida para o prédio existente no então Largo Municipal (atual Praça Getúlio Vargas), edificação que antes servira a uma instituição de ensino (muito provavelmente, o Ateneu Provincial).

Alguns intelectuais negros foram membros da Força Policial/Força Pública. Exemplos de destaque são os intelectuais Ildefonso Juvenal e Demerval Cordeiro. Juvenal, ligado ao círculo literário alternativo à Academia Catarinense de Letras [ver comentários sobre o ponto 5 – *Teatro da UBRO*], alcançou a patente de major. Demerval Cordeiro era considerado um brilhante orador e, ao lado de Juvenal, pesquisou e redigiu material sobre a história da instituição na ocasião de seu centenário.

Na entrada do quartel, há busto de Feliciano Nunes Pires (responsável pela criação da Força Policial) e, ainda na área externa, à direita, em forma de obelisco, “Monumento ao centenário da Força Pública”. A edificação é protegida pelo Decreto Municipal nº. 270 de 1986, juntamente com seu entorno, por estar incluída no Conjunto III – Bairro do Mato Grosso; de acordo com o Serviço do Patrimônio Histórico, Artístico e Natural - SEPHAN, está classificada como P2 (proteção das fachadas).

## **3. Antiga Escola de Aprendizes Artífices**

A Escola de Aprendizes Artífices foi criada em 1909, com o objetivo de proporcionar formação profissional aos jovens de grupos populares (incluindo a presença de afrodescendentes). Sediada na Rua Almirante Alvim até 1919, quando foi transferida para a Rua Presidente Coutinho, oferecia formação em desenho, oficinas de tipografia, encadernação e pautação, além de cursos de carpintaria de ribeira (voltada para a construção de barcos), escultura e mecânica (ferraria e serralheria). Formava-se, assim, mão-de-obra para atender algumas demandas do mercado de trabalho da época.

É uma edificação com características da arquitetura industrial, além de fortes influências do ideário positivista que conduzia a educação na época, com acessos às salas de aula voltados para extenso alpendre, circundando um pátio central cujo ajardinamento é centrado em árvores frondosas. Protegido por tombamento estadual em 1986.

## **4. Rio da Bulha**

No século XIX, a paisagem do Rio da Bulha era salpicada por uma efervescente atividade de lavadeiras ao longo de seu curso, que ia desde a Praia de Fora até o Largo 13 de Maio. Esse serviço era feito também em uma fonte atrás do Tiro Alemão, na Avenida Mauro Ramos.

No início do século XX, diversas doenças atingiam grande parte da população. A ancilostomíase (amarelão), por exemplo, atacava cerca de 90% da população litorânea. Entretanto, desde a virada do século uma série de políticas do governo republicano tornava o combate às doenças epidêmicas no Brasil uma questão urgente. As questões sanitárias passavam a ser um problema para o Estado.

Entre as principais questões eleitas como problemas sanitários prioritários pelo governo de Hercílio Luz (1918-1922), figurava o curso do Rio da Bulha. O acúmulo de lixo e esgoto tornava-se significativo conforme se aproximava o fim do curso, a leste da cidade. Em seus arredores havia, ainda, um grande número de moradias de famílias de baixa renda, cujas condições de higiene eram extremamente precárias.

Na série de projetos de remodelação urbanística da capital, foi incluída a canalização do Rio da Bulha e construção de uma grande avenida, que se chamaria Avenida do Saneamento. Passou a se chamar Hercílio Luz devido à morte do governador. Para que esse ideal de cidade fosse colocado em prática, centenas de famílias foram desalojadas e as autoridades municipais fizeram “vistas grossas” para a ocupação dos morros, transferindo os problemas sanitários para outra área da cidade.

Com o deslocamento dessas populações, a atividade das lavadeiras também se transferiu para outras áreas.

### **. Outras fontes**

Eliane Veras da Veiga indica que, entre 1754 e 1774, existiam oito locais para apanhar água, no centro:

- a **Fonte Grande**, onde hoje é a esquina da Avenida Mauro Ramos com a Rua Anita Garibaldi;
- a **Fonte do Estevão Maneta**, nas proximidades do atual Instituto Estadual de Educação, não distante da Fonte Grande;
- uma **fonte pública no início da Rua Menino Deus**;
- uma **fonte no Rio da Bulha**, em local próximo à atual sede do Clube 12;

- uma **fonte na Figueira**, perto da atual esquina das ruas Jerônimo Coelho e Vidal Ramos;
- um **chafariz**, próximo à atual esquina das ruas Tenente Silveira e 7 de Setembro;
- um “**regato d água férrea**” em área próxima da ponte Hercílio Luz, na parte baixa em frente ao morro do antigo cemitério;
- uma **fonte no Forte São Luís**, em frente ao atual Shopping Iguatemi.

## 5. Teatro da UBRO

Situado na Rua Pedro Soares, no alto da escadaria, o antigo Teatro da União Beneficente Recreativa Operária (ou simplesmente Teatro da União Operária), hoje reconhecido pelas iniciais da entidade, voltou a abrigar atividades teatrais depois de uma trajetória plena de percalços. Ativa entre as décadas de 1920 e 1950, a UBRO foi uma espécie de alternativa cultural destinada à classe operária local.

Nas dependências do teatro, foi fundado em 4 de janeiro de 1925 o Centro Catarinense de Letras. Para o historiador Carlos Humberto Corrêa, “a principal importância [do Centro] foi ter entre seus membros, mulheres e intelectuais negros numa época ainda de acentuado preconceito racial”. A iniciativa para a criação do centro foi de Ildelfonso Juvenal e Anfilóquio de Carvalho Gonçalves. Ao grupo, integraram-se nomes de relevo, como Antonieta de Barros, Maura de Senna Pereira, Trajano Margarida e Juvenal Melquíades. Este último, em parceria com Ildelfonso Juvenal, já pusera a circular em 1915 a Folha Rósea, destinada aos poetas considerados “novos” – em geral, aqueles que, por exclusão racial ou de gênero, não poderiam ingressar na Academia Catarinense de Letras, à qual o Centro também se opunha. Esta questão gerou ácida polêmica entre Ildelfonso Juvenal e Altino Flores, membro da ACL, com troca de ofensas em jornais.

A edificação é protegida pelo Decreto Municipal nº. 069 de 1986, como monumento isolado, de acordo com o Serviço do Patrimônio Histórico, Artístico e Natural - SEPHAN. Está classificada como P1 (proteção integral do bem) e pertence hoje ao Governo do Estado. A fachada é marcada por um balcão central; a platibanda ostenta as iniciais da União, além de representação, em relevo, de esquadro e compasso (aliás, símbolos maçônicos). A estrutura interna do edifício ruiu em 1993; tendo a fachada principal resistido, optou-se por sua manutenção, sendo remodelado o interior. A reforma trouxe para a cidade uma alternativa de casa de espetáculos, retomando usos que esse espaço já tivera na primeira metade do século XX.

## 6. Antigo Largo 13 de Maio

Virgílio Várzea, em 1900, assim descreve este largo em seu livro *Santa Catarina – A Ilha*:

*Conhecido por 13 de Maio, ocupa toda a área que vai da Ladeira do Menino Deus à ponte do Vinagre. Não é ajardinado como os outros mas abre sobre a linha do cais chamado do Menino Deus, de onde se goza magnífica vista para o mar.*

O antigo largo incluía as atuais ruas Bulcão Vianna e Menino Deus. Na área onde hoje estão as pistas de atletismo do Instituto Estadual de Educação, havia dezenas de casas alinhadas ao casario da Rua Menino Deus. A região foi profundamente alterada pelos aterros, abrigando órgãos governamentais. Reduzido, o antigo largo atualmente recebe o nome de Centro Cívico Tancredo Neves.

Além de significativa região de moradia de populações afrodescendentes no início do século passado, o Largo 13 de Maio se destaca também como ponto de encontro para ensaios de agremiações carnavalescas. Atualmente, a escola de samba Protegidos da Princesa, formada principalmente por moradores do Morro do Mocotó (em frente ao largo), realiza seus ensaios no local. Fundada em 1948, essa agremiação foi a primeira escola de samba da cidade. Seu surgimento está ligado à fixação de um grupo de marinheiros cariocas no Morro. É detentora de 24 campeonatos, tendo sido o último conquistado em 2002. Na década de 1910, existia no largo o Clube Recreativo Flor da Mocidade, importante espaço de sociabilidade [ver comentários sobre o ponto 10 – Sociedade Recreativa Brinca Quem Pode].

## 7. Rua João Pinto

Esta rua, bem como outras próximas, foi região de grande trânsito e moradia de escravos, libertos e desterrados na segunda metade do século XIX, época em que as elites migraram para a Praia de Fora. Aos africanos e afrodescendentes eram alugados principalmente porões de sobrados, prática que chegou a ser proibida, conforme destaca o historiador Paulino de Jesus Cardoso em sua obra *Negros em Desterro*:

*O aluguel de moradias a africanos e afrodescendentes cativos não era incomum entre os habitantes, tanto que a Secretaria de Polícia, por Edital datado de 24 de janeiro de 1863, tentara disciplinar tais transações proibindo que pessoas livres alugassem para cativos*

*independentes de seus senhores, punindo com multas de 10\$000 aos recalcitrantes. (...) Como se sabe, morar sob os olhos do senhor era um dos pilares do domínio senhorial, lido por eles igualmente como proteção contra as tentações da vida. (...) Mas para desespero das autoridades policiais, os cativos pareciam fazer de tudo para fazer valer sua autonomia.*

Algumas edificações estão protegidas pelo Decreto Municipal nº. 270 de 1986, juntamente com seu entorno por estarem incluídas no Conjunto I – Centro Histórico, de acordo com o Serviço do Patrimônio Histórico, Artístico e Natural - SEPHAN.

## **8. Praça XV de Novembro**

Trata-se do local de fundação da vila de Nossa Senhora do Desterro, em 1662, ponto a partir do qual a cidade se expandiu. Foi arborizada durante o século XIX, época em que adquiriu seus contornos básicos mantidos até hoje. Há na praça diversos monumentos e uma grande variedade de espécies vegetais, que inclui fícus indianos, palmeiras imperiais e cravos da Índia, além de famosa figueira, que acredita-se (não há certeza entre os autores) que tenha nascido por volta de 1871 em um jardim que existia em frente à Igreja Matriz e sido transplantada para o centro da praça em 1891.

A história da Praça XV de Novembro está diretamente ligada às divisões étnicas da cidade. Na segunda metade do século XIX, parte da praça era cercada por grade de ferro, onde não era permitida a entrada de africanos e afrodescendentes. Nessa mesma época, havia marcante presença de quitandeiras nos arredores da praça, principalmente na região mais próxima ao porto (atual Praça Fernando Machado). Já no início do período republicano, Oswaldo Rodrigues Cabral comenta os namoros no local:

*A juventude fazia o ‘corso’, isto é, passeava numa pista circular, conversando e, principalmente, namorando. Nos bancos, colocados de distância em distância, sentavam-se as mães e outros olheiros, cuidando para que os namorados não ‘atrasassem’, vale dizer, não se aproximasse, vigiando o comportamento das filhas e chamando-as às falas quando a quebra do padrão se verificasse.[...] Nas calçadas do jardim, circulava o ‘segundo time’ – isto é, as empregadinhas, as garotas mais pobres, as crioulinhas dos morros, que também faziam o seu ‘corso’, enquanto os soldados, os marinheiros, os operários, os cidadãos de menor potencial econômico, mas não amoroso, ficavam de pé junto ao meio fio aguardando a passagem das bonecas, para um ‘dito’, um cumprimento, um encontro marcado através de um código especial – enfim – a paquera da época.*

Desde o fim do século XIX, a praça foi palco de manifestações carnavalescas. Entre 1879 e 1891, existiram as sociedades carnavalescas Diabo a Quatro e Bons Arcanjos, cujos associados formaram os principais quadros das instituições republicanas. Da sociedade Diabo a Quatro, participava maior quantidade de membros ligados à campanha abolicionista. Outras sociedades foram criadas no século XX, alcançando notoriedade pelos chamados “carros de mutação”, elementos de desfile que, em determinado momento da apresentação, sofriam uma transformação.

Na década de 1930, surgiram os primeiros blocos carnavalescos organizados e, no fim da década de 1940, a primeira escola de samba. As escolas desfilaram em torno da Praça XV e tiveram variações em sua quantidade e tamanho. Nos primeiros anos, eram formadas por algumas dezenas de componentes, trajados com panos coloridos e fantasias que, em geral, remetiam ao período colonial. As primeiras escolas foram a Protegidos da Princesa (1948) e Embaixada Copa Lord (1955), ambas ainda em atividade. Nas décadas de 1970 e 1980, quando os desfiles ocorreram na Avenida Paulo Fontes, chegou a existir mais de 10 escolas. A Passarela Nego Quirido, atual palco dos desfiles, foi inaugurada no carnaval de 1989, sendo o segundo sambódromo do país (a Passarela Darcy Ribeiro, no Rio de Janeiro, foi inaugurada em 1984). Para possibilitar os investimentos em sua construção, não houve essa modalidade de carnaval em 1988. Atualmente, há cinco escolas de samba em atividade em Florianópolis: Protegidos da Princesa, Embaixada Copa Lord, Unidos da Colônia, Consulado e União da Ilha da Magia.

Na praça, há busto de João da Cruz e Sousa, localizado próximo ao Monumento aos Ex-Combatentes da Guerra do Paraguai. Filho de negros alforriados, Cruz e Sousa recebeu a tutela de seu ex-senhor, o Marechal Guilherme Xavier de Sousa, de quem adotou o sobrenome. Com isso, teve educação refinada para a época, aprendendo francês, latim e grego, além de ter sido aluno do famoso naturalista alemão Fritz Müller nas áreas de Matemática e Ciências Naturais. Em 1881, dirigiu a Tribuna Popular, jornal

aboliconista. Dois anos depois, foi recusado como promotor de Laguna por ser negro. Seu primeiro livro, escrito em parceria com Virgílio Várzea, foi lançado em 1885, intitulado *Tropos e Fantasias*. Porém, foi em 1893 que publicou as obras que lhe garantiram notoriedade por marcarem o início do Simbolismo no Brasil: *Missal* (prosa poética) e *Broquéis* (poesia).

### 9. Mercado Público

A presença das quitadeiras nas imediações da Praça XV de Novembro incomodava as autoridades, que insistentemente criavam regulamentações que procuravam desestimular suas atividades. Uma das razões da construção do Mercado Público, inaugurado em 1851, foi a oposição ao controle da distribuição de gêneros por essas trabalhadoras.

Então localizado à beira-mar, o mercado esteve durante muito tempo intrinsecamente ligado às atividades portuárias, recepção e distribuição de produtos, às quais escravos e libertos, por sua vez, estavam vinculados. De acordo com Haroldo Silis Mendes da Silva, entre as atividades apontadas pelo censo de 1872 como exercidas por escravos em Desterro, constavam: “21 artistas, 35 indivíduos vinculados a atividades marítimas, 24 pescadores, 2 comerciantes, 544 trabalhadores domésticos, 21 costureiras, 21 artistas, 17 calçadistas, 46 operários têxteis, 6 chapeleiros, 37 operários em madeiras, 48 operários de edificação, 3 operários de vestuário e 15 pessoas ligadas a atividades em canteiros”. Para o exercício dessas atividades, não somente o Mercado como toda a região da Rua do Príncipe (atual Conselheiro Mafra) foi fundamental em seu vigor comercial, constituindo-se como área de intensa circulação e atividade desses trabalhadores.

Em 1896, após 45 anos de funcionamento, o primeiro mercado foi demolido. Para substituí-lo, foi erguido o Mercado Público atual. Em 1899, foi inaugurada a primeira ala. Em 1915, foram construídos, sobre um aterro, a segunda ala, o vão central, as torres e as pontes que as interligam. Em 2005, um incêndio atingiu a primeira ala, cujo interior teve que ser completamente reconstruído, mantendo-se somente a fachada.

A edificação abriga atualmente diversas lojas de roupas, alimentos, artesanato e diversos utensílios, além de bares que tornaram o vão central um ponto de encontro, palco para *shows* e manifestações populares. Foi tombada pelo Decreto Municipal nº. 035 de 1984 e posteriormente protegida pelo Decreto Municipal nº. 270 de 1986 juntamente com seu entorno, por estar incluída no Conjunto I – Centro Histórico, de acordo com o Serviço do Patrimônio Histórico, Artístico e Natural – SEPHAN; está classificada como P1 (proteção integral do bem) e pertence à Prefeitura Municipal.

### 10. Antiga sede da Sociedade Recreativa Brinca Quem Pode

Relatos do início do século XX dão conta, Maria das Graças Maria, da existência de clubes de “negros, mulatos, mulatos claros” e de clubes freqüentados “tanto por negros quanto por brancos”. Além de importantes espaços de lazer, essas agremiações foram lugares de luta política, conquista de prestígio social e visibilidade racial, conflitos, resistências e acomodações.

Para garantir a manutenção desses espaços, as diretorias dos clubes recreativos mantinham laços de amizade com o poder político, incluindo, às vezes, apoio explícito aos partidos no poder. A presença, nesses territórios negros, de políticos ilustres como Nereu Ramos, com o qual a Brinca Quem Pode mantinha vínculos, era também uma estratégia de promoção social.

Fundada na década de 1930, a Sociedade Recreativa Brinca Quem Pode foi antecedida por bloco carnavalesco homônimo, formado somente por negros. O Miramar e a Confeitaria do Chiquinho eram locais de concentração dos foliões desses blocos. No carnaval de 1935, o bloco Brinca Quem Pode desfilou com a canção carnavalesca “Flor da Raça”, composta por Trajano Margarida:

*Eis a flor da raça  
Carnaval tem alegrias  
E tem seu tesouro  
No fulgor das moreninhas cor de jambo e ouro  
Genuínas brasileiras  
Tudo em nós Brasil realça  
Carnaval sente mais vida  
No encantar da nossa graça  
Pelo carnaval passado mesmo assim contente  
Alcançamos mil louvores nota plenamente  
Gloriando a [sic] carnaval  
Com ventura e graça  
Nosso bloco é todo feito  
Do esplendor da raça*

### 11. Igreja Nossa Senhora do Parto

Em 1833, alguns irmãos da Confraria do Rosário e São Benedito requereram a colocação de imagem de Nossa Senhora do Parto em altar da Igreja do Rosário. Sua intenção seria, no futuro, construir capela dedicada à santa. Com o apoio do Presidente da Província, foi construída e inaugurada no Natal de 1861 esta igreja, que passou a ser freqüentada principalmente por crioulos. Na área central, havia ainda a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, cujos fiéis eram majoritariamente pardos.

Originalmente, o templo apresentava volume compacto e frontão triangular, padrão característico das igrejas clássicas. Em 1959, foi ampliada para o lado esquerdo, perdendo a simetria da nave. No mesmo ano, foi construída a torre central, que se destaca em suas formas. A fachada tem decoração eclética, com símbolos românicos e renascentistas. O prédio é tombado em nível municipal.

### 12. Antiga área fabril

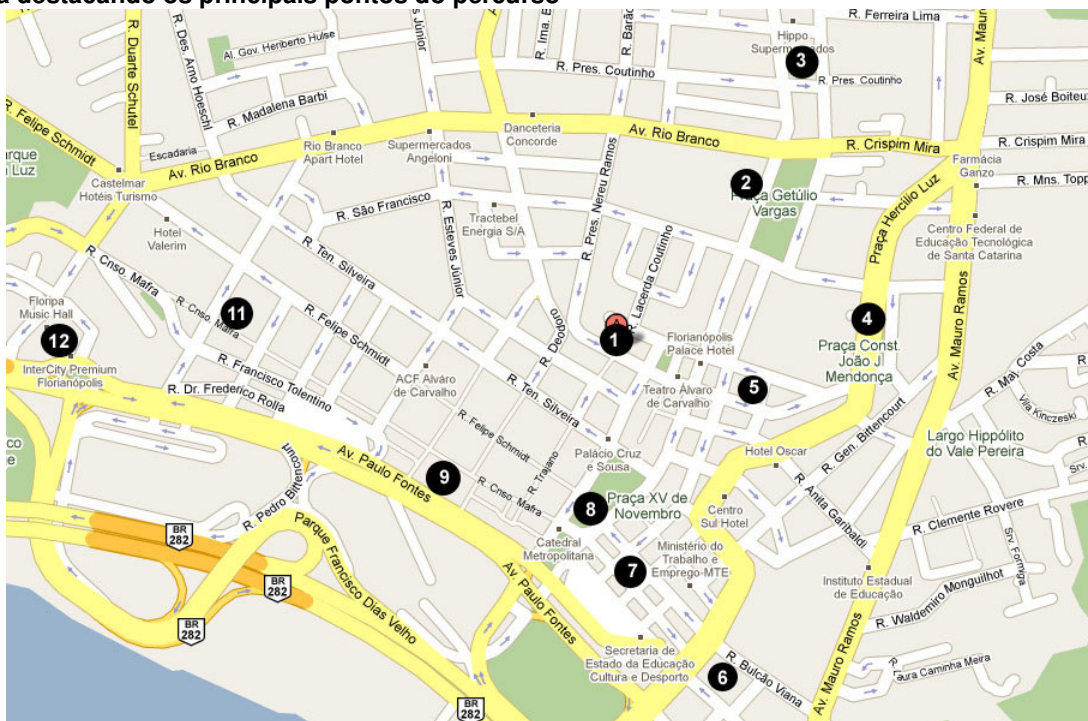
Área do antigo estaleiro Arataca e das construções fabris remanescentes do complexo industrial Hoepcke. Com atuação bastante diversificada, o empresário alemão Carl Hoepcke (1844-1924) iniciou suas atividades em Florianópolis como sócio de uma casa comercial. Em seguida, partiu para o comércio atacadista e varejista, exportação e importação. Posteriormente, ampliou suas atividades para uma Companhia de Navegação, um estaleiro (o Arataca) e algumas fábricas, lançando filiais de seus negócios em cidades como Blumenau e Lages.

A área das construções remanescentes foi ocupada pela Fábrica de Pontas “Rita Maria” (inaugurada em 1896), a Fábrica de Gelo (criada para abastecer seus navios e logo em seguida fornecendo o produto para diversas atividades na região) e a Fábrica de Rendas e Bordados. À época, as fábricas tinham localização estratégica, dada a proximidade do porto.

Subindo a Rua Hoepcke (rumo à edificação da antiga Fábrica de Rendas e Bordados), podem ser encontradas casas geminadas que formaram uma “vila operária”, pois foram ocupadas por operários das antigas unidades fabris da localidade. Entre esses operários, havia quantidade significativa de afrodescendentes.

A área é protegida pelo Decreto Municipal nº. 270 de 1986, juntamente com seu entorno, por estar incluída no Conjunto X – Rita Maria, de acordo com o Serviço do Patrimônio Histórico, Artístico e Natural - SEPHAN.

### Mapa destacando os principais pontos do percurso



1. Igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos/cemitério; 2. Quartel do Comando da Polícia Militar; 3. Antiga Escola de Aprendizes Artífices; 4. Rio da Bulha; 5. Teatro da UBRO; 6. Antigo Largo 13 de Maio; 7. Rua João Pinto; 8. Praça XV de Novembro; 9. Mercado Público; 10. Antiga sede da Sociedade Recreativa Brinca Quem Pode; 11. Igreja Nossa Senhora do Parto; 12. Antiga área fabril.

## **Referências**

- AMARAL, Tamelusa Ceccato do. **As “camélias” de Desterro**: a campanha abolicionista e a prática de alforriar cativos (1870-1888). Itajaí: UDESC; Casa Aberta, 2008.
- BILÉSSIMO, Angelo Renato. **Entre a Praça e o Porto**: grandes fortunas nos inventários Post Mortem em Desterro (1860-1880). Itajaí: UDESC; Casa Aberta, 2008.
- CABRAL, Oswaldo R. **Nossa Senhora do Desterro**. Florianópolis: Lunardelli, 1979. v.1 (“Notícia”) e v. 2 (“Memória”).
- CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. **Negros em Desterro**: experiências de populações de origem africana em Florianópolis na segunda metade do século XIX. Itajaí: UDESC; Casa Aberta, 2008.
- CORREA, Carlos Humberto P. **História da cultura catarinense**. Florianópolis: Ed. da UFSC; Zero Hora Editora Jornalística, 1997.
- MARIA, Maria das Graças. **Imagens invisíveis de Áfricas presentes**: experiências das populações negras no cotidiano da cidade de Florianópolis (1930-1940). Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.
- REGO, Edgar de Sousa; Universidade do Estado de Santa Catarina. **Entre diabos e arcanjos**: cultura política e sociedades carnavalescas em desterro (1879-1891). TCC (graduação em História) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.
- SANTOS, Carina Santiago dos. **Um lugar chamado Figueira**: experiências de africanos e afrodescendentes nas duas últimas décadas do século XIX. TCC (graduação em História) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.
- SILVA, Haroldo Silis Mendes da. **Carroceiros, quitadeiras, marinheiros, pombeiros e outras agências**: trabalho e sobrevivência de africanos e afrodescendentes em Desterro na década da abolição. TCC (graduação em História) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.
- SIMÃO, Maristela dos Santos. **“Lá vem o dia a dia, lá vem a virge Maria. Agora e na hora de nossa morte”**: a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos, em Desterro (1860-1880). Itajaí: UDESC; Casa Aberta, 2008.
- TRAMONTE, Cristiana. **A pedagogia das escolas de samba de Florianópolis**: a construção da hegemonia cultural através da organização do carnaval. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1995.
- VÁRZEA, Virgílio. **Santa Catarina – a Ilha**. Florianópolis: IOESC, 1984. [originalmente publicado em 1900]
- VEIGA, Eliane Veras da. **Florianópolis**: memória urbana. 2 ed. rev. ampl. Florianópolis: Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes, 2008.